

As *Geórgicas* de Virgílio e a economia do evergetismo como fator de êxito da cultura clássica

José Alexandre Ferreira Maia*

<https://orcid.org/0009-0004-6662-5051>

Na Antiguidade não há capital industrial. Os lucros não são reinvestidos no empreendimento. Ferramentas e utensílios mantêm-se primitivos, sendo o essencial das forças produtivas constituído pela mão-de-obra humana dos escravos. Nessas condições, a maior parte do lucro ganho pelos empreiteiros volta à coletividade cívica sob forma de liturgias, alimentando o Tesouro público e servindo para pagar as despesas comuns do Estado: festas civis e religiosas, finanças militares, construção de edifícios públicos. (Vernant, 1992, p. 19)

Resumo: Este artigo propõe uma análise histórica de um tipo de evergetismo patrocinador dos gêneros culturais que, desde Ptolomeu Sóter até César Augusto, forneceu recursos para que as artes e os gêneros culturais helenísticos prosperassem, permitindo a efetivação exitosa da Cultura Clássica. Este tipo de evergetismo efetivo alcançará Roma, primeiro promovendo Lívio Andronico, depois proporcionando a formação do Círculo dos Cipiões e outros até a consolidação do helenismo no seio das reformas de Augusto e Mecenas. As *Geórgicas* servirão como amostra do êxito desse mecenato primordial.

Palavras-chave: evergetismo. Mecenas. *Geórgicas*. Virgílio.

The Georgics of Virgil and the economy of everetism as a factor of success in classical culture

Abstract: This article proposes a historical analysis of a type of patronage evergetism that, from Ptolemy Soter to Caesar Augustus, provided the resources for the Hellenistic cultural genres to thrive, allowing for the successful realization of Classical Culture. This effective type of evergetism would reach Rome, first by promoting Livius Andronicus, then by providing for the

* Universidade Federal de Pernambuco. Graduação, Mestrado e Doutorado em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Possui Estágio de Doutorado pela Universidade de Évora, com bolsa da CAPES. Atualmente é docente Associado de Língua e Literatura Latina na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: alecmaia@hotmail.com.



formation of the Scipionic Circle and others until the consolidation of Hellenism within the Augustan and Maecenas cultural reforms. The Georgics will serve as an example of the success of this primary patronage.

Keywords: evergetism. Maecenas. Georgics. Virgil.

Les Géorgiques de Virgile et l'économie de l'évergétisme comme facteur de succès de la culture classique

Résumé: Cet article propose une analyse historique d'un type d'évergétisme de mécénat qui, de Ptolémée Sôter à César Auguste, a fourni des ressources pour que les genres culturels hellénistiques prospèrent, permettant ainsi la réalisation réussie de la culture classique. Ce type efficace d'évergétisme atteindra Rome, d'abord en promouvant Livius Andronicus, puis en permettant la formation du Cercle des Scipions et d'autres jusqu'à la consolidation de l'hellénisme au sein des réformes culturelles d'Auguste et de Mécène. Les Géorgiques serviront d'exemple du succès de ce mécénat primaire.

Mots-clés: evergetismo. Mécène. Géorgiques. Virgile.

Introdução

Um dos traços característicos da Antiguidade Clássica, e, talvez o que melhor a representaria, apesar de só recentemente ter sido notada sua importância, é o evergetismo. Veyne (2015) começa o seu extenso estudo acerca do tema com esta importante observação:

A palavra evergetismo é um neologismo, ou melhor, um conceito que devemos a André Boulanger e Henri I. Marrou; ela foi forjada nos moldes da minuta dos decretos honoríficos helenísticos através dos quais as cidades enalteciam aqueles que por sua fortuna ou sua atividade pública “ajudavam a cidade”(…); em geral, uma beneficência era uma evergesia. Nenhuma palavra da antiguidade corresponde perfeitamente ao evergetismo; *liberalitas* não se dizia somente das liberalidades para com o público ou “colégio”, mas também sobre qualquer liberalidade; *φιλοτιμία* também é muito ampla e enfatiza, principalmente, as razões do evergetismo, a virtude que o explica: um nobre desejo de glória e de honras. (Veyne, 2015, p. 14).

Apesar de não ter havido um nome que o designasse, o fenômeno era muito difundido e teve suas raízes, com certeza, no princípio monárquico e imperial. Cerca de 3.500 a. C., na Suméria, os seres humanos já haviam desenvolvido o trabalho agrícola e haviam alcançado um amplo domínio técnico de produção e distribuição de alimentos. Esse feito deve ter promovido a primeira grande explosão demográfica e,

consequentemente, requereu a execução de várias outras habilidades não agrícolas. Essa volumosa população de novos trabalhadores passou a se concentrar em espaços geográficos adjacentes às aldeias nos quais houve o entrecruzamento de forças que fizeram surgir as primeiras cidades. Uma hierarquia se impôs, como destaca Mumford (1998, p. 37), em função das diferentes habilidades surgidas no soerguimento e manutenção das cidades:

Os antigos componentes da aldeia foram transportados ao novo plano e incorporados na nova unidade urbana; contudo, graças a ação de novos fatores, foram eles recompostos num padrão mais complexo e instável que o da aldeia - e, apesar disso, de uma forma que promoveu ulteriores transformações e desenvolvimentos. A composição humana da nova unidade tornou-se igualmente mais complexa; além do caçador, do camponês e do pastor, outros tipos primitivos introduziram-se na cidade emprestaram sua contribuição à sua existência: o mineiro, o lenhador, o pescador, cada qual levando consigo os instrumentos, habilidades e hábitos de vida formados sob outras pressões. O engenheiro, o barqueiro, o marinheiro surgem a partir desse fundo primitivo mais generalizado, em um outro ponto da seção do vale: de todos esses tipos de originais, desenvolvem-se ainda outros grupos ocupacionais, o soldado, o banqueiro, o mercador, o sacerdote. Partindo dessa complexidade, criou a cidade uma unidade superior. (Mumford, 1998, p. 37).

A nova ordem se impõe com o surgimento das cidades. Do ponto de vista político, surgiram os pequenos reinos que evoluíram da família, da fratria e da tribo, para darem lugar às cidades e, com o aumento de seu poder, surgiram os impérios que se sucederam em função dos fatores históricos que definiram aleatoriamente as configurações de seus domínios. Monarquias autocráticas ou senatoriais difundiram-se por todo planeta. Constituindo-se em torno dos monarcas como uma classe dominante, a classe dos primeiros proprietários, que passaria a dominar esses centros de poder, assegura seu domínio pela ampla convergência de fatores: políticos, econômicos, militares e, principalmente, religiosos.

Sumérios, Acadianos, Egípcios, Babilônios, Assírios, Lídios, Medos, Persas, Gregos, Macedônios e Romanos sucederam-se governados por esta classe de guerreiros, nababos, nobres e notáveis, que correspondia à classe dominante. Não importava a nação, os reis, auxiliados por suas cortes, subjugavam a todos. Restava aos camponeses e aos indivíduos de outras classes a fatalidade de servi-los, como escravos, ou cidadãos livres, sujeitos a variadas maneiras de submissão, na maioria das vezes, parcamente remunerados

Essas condições praticamente não sofreram alteração ao longo dos milênios, pois, para se manterem no poder, os agentes perpetuadores dessa ordem não só empregavam as armas, já que havia também uma coalizão de forças metafísicas ou culturais que se manifestava no mundo físico, erguendo as formas colossais das cidades, seus templos e palácios, criando as leis, estruturando as línguas e a escrita. Essas forças metafísicas emanavam dos mitos e das religiões. As consequências da aplicação dessas forças fizeram surgir, na classe dominante, liturgias que se impuseram para legitimar seus domínios. Essas liturgias, além de fomentar as artes e o conhecimento, faziam arrefecer os ânimos de prováveis insurreições. Entre as liturgias, o evergetismo:

É nessa classe dominante legitimada por forças culturais que surge a prerrogativa do evergetismo. O evergetismo consiste no fato de que as coletividades [...] esperam que os ricos contribuam com seus próprios recursos para as despesas públicas, e que suas expectativas sejam atendidas: os ricos contribuíam com as despesas públicas espontaneamente ou de bom grado. Suas despesas a favor da coletividade eram dirigidas principalmente a espetáculos de circo e de arena, mais amplamente a prazeres públicos. (Veyne, 2015, p. 14).

Evergetismo entre os gregos

Veyne (2015) aponta basicamente duas variedades de evergetismo: uma livre ou voluntária, quando o notável ou nobre age por conta própria; e outra condicionada a cargos ou funções. Estas duas variedades de evergetismo devem promover todo tipo de aplicação de investimento de um indivíduo ou de vários, ou mesmo de um Estado ou um Império, e atender aos reclames da grande massa de beneficiados. Nossa investigação, por sua vez, não recai sobre todos os tipos de evergetismo, limita-se a identificar, analisar e descrever um tipo de evergesia que se ocupa com o patrocínio das artes e do conhecimento. Poderíamos iniciar com a tradição que culmina com a ação de Assurbanipal, o rei assírio responsável pela construção da grande biblioteca de Nínive, no Séc VII a.C que abrigou uma das últimas edições do *Gilgamesh*:

A herança mais duradoura do reinado de Assurbanipal foi a sua coleção de plaquetas ou a chamada “biblioteca”, descoberta por Hassan. Foi sugerido que,

como Assurbanipal não estava originalmente destinado à realeza, teve uma educação mais adequada para as funções de um alto dignatário ou sacerdote o que acarretava saber ler e escrever. [...] Assurbanipal certamente nutria grande interesse por todos os ramos do saber mesopotâmio e deu ordens para que se requisitassem plaquetas dos vários centros de escribas babilônios, acumulando assim a maior e mais completa biblioteca com uniforme. As obras de referência contidas na biblioteca de Nínive facilitaram imensamente a obra dos estudiosos ocidentais 2500 anos depois em suas tentativas para decifrar o “obscuro sumério e acadiano”. (Leyck, 2003, p. 261).

Todavia, paralelo a esse acontecimento, no Ocidente, entre os Gregos, Homero já havia surgido como autor. Por isso vamos tomar os Gregos como nosso ponto de partida remontando à mítica época heroica, na ocasião em que os poetas eram, sem dúvida, mantidos por certo tipo de costume cortesão, cujos convivas, depois de saciados de comida e bebida, sob o patrocínio do rei, deleitavam-se com as canções proferidas por aqueles cantores. O exemplo vem do próprio Homero (2011, p. 219), na passagem da Odisseia no Canto VIII, versos 36-45 em que Odisseu, entre os feácios, ouve Demódoco proferir um canto:

Após os remos/ estarem ajustados nas cavilhas, ide/ ao meu solar e preparai logo o repasto,/ que a todos oferecerei. Disso encarrego/ os jovens. Já os cetrados basileus, convido-os/ a entrarem no palácio para a recepção/ fraterna ao hóspede recinto adentro. Não/ aceitarei recusa. Alguém busque *Demódoco*,/ divino aedo. Para o júbilo feácio,/ um deus lhe deu o canto e o coração o instiga. (Homero, 2011, p. 219).

O costume não cessa entre os Gregos da era arcaica, mesmo após a derrubada das realezas. A pólis, além de outras vocações óbvias e seguindo a tradição, cujo primeiro formato já está presente de forma dispersa entre Sumérios, Egípcios, Assírios e Babilônios, fomentou a criação de um ambiente artístico e intelectual cujos resultados são evidentes. Além dos simpósios, para os quais acorriam os poetas e os homens cultos, havia as várias liturgias que asseguravam as realizações dos festivais em honra aos deuses com procissões e concursos teatrais. Havia também os jogos Olímpicos, Píticos, Ístmicos e Nemeicos, em que, além das modalidades atléticas, se disputavam prêmios literários. São várias expressões de evergetismo, tanto promovidas livremente, quanto promovidas conforme as honras de um cargo político dentro da própria Cidade-Estado. Criava-se, assim, um ambiente propício para que autores e gêneros adquirissem um estatuto que, mesmo de forma escassa, ainda hoje se preserva.

Este conjunto de elementos soma-se a um complexo sistema de educação (*ἡ παιδεία*), no qual a poesia tem um papel preponderante. Tal sistema ocasionou o êxito da cultura helênica. A *paideia* tem sua origem, segundo Werner Jaeger (2001), na obra homérica, que teve o poder de forjar um espírito de excelsa dignidade no homem grego de todas as classes. Isto ocorreu porque a classe de guerreiros aqueus, argivos e dânaos representada artisticamente pelos heróis que atuam na *Iliada* e na *Odisseia*, adquiriu uma legitimação simbólica assegurada pelo efeito estético da exaltação poética e pelo efeito ético dos valores encabeçados pela coragem e pela honra guerreira.

O *Pathos* do sublime destino heróico do homem lutador é o sopro espiritual da *Iliada*. O etos da cultura e da moral aristocrática encontra na *Odisseia* o poema de sua vida. A sociedade que possuiu aquela forma de vida desapareceu sem deixar qualquer testemunho para o conhecimento, mas a sua representação ideal, incorporada na poesia homérica, converteu-se no fundamento vivo de toda cultura helênica. (Jaeger, 2001, p. 66).

O papel de Homero é portanto inestimável, repercutiu além dos limites das cidades-estados e passou a se projetar na história cultural da humanidade, pois o inestimável valor artístico das obras de Homero que serviu pedagogicamente ao homem grego, terá alcançado a dimensão humana universal, necessária para que as barreiras étnicas, linguísticas e territoriais diluíssem frente ao seu poder de persuasão estética, ética e ideológica.

Para preservar estas conquistas, nas cidades-estados helênicas, os seus governantes salvaguardaram seus benefícios, tornaram-se eles próprios os agentes perpetuadores desta educação edificante moldada pelo gênero homérico. Entre os gregos, o incrível aparecimento de legisladores e tiranos é um sinal claro desses benefícios, em resposta a uma crise que se perpetuava.

Particularmente em Atenas, o que motivou ainda mais a robustez da cultura literária helênica foi a ação do tirano Pisístrato. Segundo Manfredi (2008, p. 69-71),

No campo das obras públicas Pisístrato distinguiu-se devido à construção de alguns santuários, entre os quais, um de Zeus Olímpico. Além disto, foi com o seu patrocínio que se organizou a primeira “edição crítica” dos poemas homéricos, uma obra realmente notável por seu imenso valor cultural, verdadeira pedra fundamental, podemos dizer, da filologia moderna. Havia mais de um século, quando essa operação foi concluída, que os poemas já tinham aparecido em edições escritas, mas provavelmente ressentiam-se das muitas versões orais que ainda circulavam. Parece, de fato, certo que até o

século VIII a.C. o ciclo épico do mito troiano e os demais ciclos mitológicos do mundo grego continuaram circulando de forma oral, com composições improvisadas na hora pelos cantores profissionais que adaptam os seus versos às exigências e à disposição dos ouvintes.

Todavia, entre os gregos, como já foi esclarecido, não há propriamente evergetismo, principalmente porque no plano político as cidades-estados coletivizavam as liturgias:

Hipotrofia, coregias, festas gímnicas, trierarquias, sem mencionar a *eisphora* extraordinária são algumas das obrigações impostas como contribuição dos ricos, com sua pessoa ou com seu dinheiro, para as festas públicas de Atenas ou para defesa nacional. Essas liturgias devem ser cumpridas como uma honra, e não como um imposto; é necessário um estado de espírito particular para cumpri-las, o de um notável que mais suscetível a gastar, qualquer que seja o valor da despesa, do que a economizar. (Veyne, 2015 p. 175-176).

Dentre as liturgias,

A coregia consistia na preparação de um coro na ocasião das grandes festas religiosas, especialmente para os concursos dramáticos que ocorriam por ocasião das festas em honra de Dioniso. Os coregos eram designados pelo arconte-epônimo para os concursos de tragédias e comédias das Grandes Dionísias e pelo arconte-rei para os concursos das Lenéias. (Mossé, 2004, p. 78).

Com esses investimentos, os gregos tornaram o gênero dramático um bem cultural transplantável a outros povos, assim como a filosofia através de suas escolas e toda uma série de técnicas artísticas e gêneros culturais. Não que isso fosse sua intenção, mas, sob o domínio macedônico, esse conjunto de habilidades de elaborar formas plásticas e verbais tornou-se objeto de difusão da cultura helênica.

Evergetismo helenístico

O evidente êxito das liturgias atenienses ocorreu independentemente do regime democrático que, em princípio, poderia criar grandes obstáculos para o seu funcionamento, já que os dons estudados por Veyne a partir de um amplo espectro social, antropológico, linguístico, psicológico, histórico, psicológico e outros estavam

associados predominantemente a reis, nobres e notáveis. Em Atenas, a democracia praticamente aboliu os reis e os nobres de seus dons naturais, e as liturgias, assim como vários outros tipos de envolvimento coletivo com a pólis, eram exercidas por cidadãos eleitos em assembleias. Mesmo assim, em nome da prosperidade e governança da pólis democrata, estas liturgias eram exercidas a contento.

Já destacamos o papel dos tiranos nas cidades-estados gregas. Em Atenas, surgem líderes como Címon e Péricles, os últimos representantes da hegemonia da democracia ateniense, que, envolvida na guerra do Peloponeso, foi derrotada pela oligarquia espartana. Esparta passou a intervir politicamente em toda Grécia, mas sua liderança acelerou a derrocada do sistema republicano e abriu o caminho para a intervenção de Filipe II da Macedônia. Depois da batalha de Queroneia, a democracia e a oligarquia republicanas seriam banidas para sempre do mundo grego. Filipe II daria início à reedição da monarquia no mundo helênico, que, depois, se espalharia por todo o mundo de influência helenística.

A Macedônia não havia conhecido outro regime a não ser a monarquia. Com o *status* de rei, Alexandre III faz suas conquistas e promove a grande fusão entre o Oriente e o Ocidente estabelecendo um quadro geopolítico no qual seus sucessores consolidarão o regime monárquico configurado por várias monarquias:

Estas monarquias pessoais são naturalmente absolutas, ao menos em teoria: o rei, favorito dos deuses e da Fortuna, age segundo seu bel-prazer (ele é a “lei viva”), considerando-se mesmo proprietário de seus súditos e do território, notadamente nos reinos asiático e egípcio. (Petit, 1979, p. 171).

A inserção dos gregos nessa ordem e o florescimento de suas politeias não interromperam os influxos monárquicos. Ao contrário, a cultura grega serviu para fortalecer ainda mais as suas bases. Os diádocos jamais pensaram em alimentar em suas cortes ideologias democráticas ou oligárquicas sem um poder centralizado. Até mesmo as novas cidades-estados, por eles fundadas, obedeciam à autoridade do rei. Dinastias se estabeleceram e por mais de um século fortaleceram-se e combateram entre si e, de suas crises, os romanos tiraram o maior proveito. Suas metrópoles tornaram-se, entretanto, grandes centros irradiadores da cultura helenística:

De Atenas a Ai Khanoum havia de fato uma maneira semelhante de ser grego, de viver a maneira grega e de reivindicar valores comuns como fontes de identidade e coesão social. Para os gregos que fizeram da cidade o único cenário possível para a vida comunitária, o ginásio, o teatro e os santuários eram centros do helenismo até os confins da terra habitada. Durante o período helenístico, comunidades gregas muito afastadas da metrópole afirmavam pertencer a esse grupo designado pela palavra “Hellas”. Isócrates, um retórico ateniense do século IV, apontou que Atenas havia se distanciado de outros homens no pensamento e na fala. “Ela fez com que o nome dos gregos fosse usado não mais como de uma linhagem (*genos*) mas como de uma inteligência (*dianoia*) e as pessoas que participam de nossa educação (*paideusis*) são chamadas de gregos e não aquelas que têm a mesma origem que nós” (*Panegírico*, 50). Essa primazia da cultura como denominador comum entre os gregos pode ser encontrada durante o período helenístico, sendo imperativo não tanto fornecer conhecimentos teóricos através da educação, mas compartilhar e transmitir os mesmos valores. Ansioso por viver em harmonia com seus concidadãos, o grego se deleita com a ideia de se distinguir dos não-gregos por sua paideia. Henri-Irenée Marrou destaca: “a educação está no centro da civilização helenística”. (Grandjean, 2008, p. 306).

A helenização corria ao lado das conquistas políticas e militares. Dentre as cidades desse novo panorama mundial, Alexandria se tornou a mais radiosa, porque a *Paidéia* veiculada pela *koiné* teve um patrocínio expressivo por parte dos três primeiros reis da longa dinastia ptolemaica:

Ptolomeu I Sóter sugeriu a criação da Biblioteca real que a apoiou com todos os seus recursos e que se tornou realidade cerca de doze anos antes de sua morte; [...] Ptolomeu II Filadelfo foi responsável por uma verdadeira drenagem de cérebros de poetas, cientistas, matemáticos e médicos dos quatro cantos do mundo civilizado para sua brilhante corte em Alexandria, que se tornou um cadinho de nacionalidades; [...] Ptolomeu III Evergeta era um grande patrocinador das artes. (Flower, 2010, p. 19-20).

Houve em Alexandria, sem dúvida, um efetivo evergetismo na criação de um esplêndido complexo cultural que tinha como centros a Biblioteca e o Museu.

A *koiné* ática era um meio prático de expressar pensamentos e sentimento; o ático isocratiano era o material do artista linguístico para criar ornamentos literários em que o conteúdo mental se subordinava ao estilo verbal. A *koiné* foi a língua da ciência e erudição helênicas pós-alexandrinas, cujo foco não era Atenas, mas sim Alexandria-sobre-o-Nilo e aqui os cientistas fizeram algumas belas descobertas. Erastóstenes de Cirene (276-194 ou 264-202 a. C.) bibliotecário do museu de Alexandria calculou o comprimento da circunferência do globo quase corretamente através de observações e medições engenhosas. Aristarco de Samos (fl. c. 208 a.C.) colocou o Sol ao invés da Terra no centro do cosmo estelar”. (Toynbee, 1987, p. 266-267).

Evergetismo entre os Romanos

A hipótese de que o êxito cultural da Antiguidade Clássica teve, entre os fatores que o condicionaram, o evergetismo como um dos mais evidentes, oferece uma perspectiva ampla para que possamos compreender como a literatura, as outras artes e todo gênero de conhecimento tornaram-se sistematicamente dependentes do *aureum otium* patrocinado por ele.

Evergetismo e helenização se ajustaram como faces de uma mesma atividade econômica de pleno funcionamento, desde que os gregos crivaram o Mediterrâneo com seus gêneros culturais: navios abarrotados de vasos ricamente adornados, preenchidos com vinho, azeite e cereais, levavam também estátuas, livros e outros objetos. Neste contexto, qualquer benfeitoria trazia as marcas da helenização. Por outro lado, povos já helenizados como os cartagineses e os etruscos disputavam a hegemonia do Mediterrâneo Ocidental. Com o domínio romano e a conquista de Tarento, colônia grega na Itália, chega a Roma Lívio Andronico, um jovem cativo, certamente já formado na *paideia*, cujo talento poético-literário abrirá, em Roma, os caminhos para a helenização das letras:

O primeiro contato entre a classe dirigente romana e a cultura grega que então se encontrava naquele período de complicada evolução que é a época alexandrina, não foi sem equívocos e incompreensões. [...] Na realidade, a classe dos grandes patrícios e dos nobres plebeus que, pouco a pouco, se lhes agregavam considerou, ao princípio, as obras-primas literárias da civilização grega como esquemas aos quais adaptar a celebração das próprias gestas; e como aqueles esquemas eram mais perfeitos, não hesitou em abandonar progressivamente as formas mais rudes, elaboradas nos séculos do seu isolamento cultural. Assim, Lívio Andronico era pago pelo estado para fornecer carmes nas celebrações solenes e traduzia, para gosto dos dominadores, aquele dos poemas homéricos que era mais adaptado aos seus gostos pátrios e aos seus ideais familiares, e mais rico de alusões ao Ocidente; assim, mais tarde, Ênio celebrará, nos *Annales*, a glória de tantos séculos de gestas patrícias, dando a forma de *epos* homérico ao conteúdo dos *Carmina Convivialia* e escreverá a *Satura Ambracia* para celebrar os feitos do seu protetor Fúlvio Nobilior. E, entretanto Lívio e Ênio e o sobrinho deste Pacúvio traziam para Roma da sua terra natal embebida de cultura grega as obras-primas da poesia dramática grega mais ou menos originalmente elaboradas por eles e o gosto dos dominadores começava a afinar-se e a cultura grega começava a parecer-lhe no seu verdadeiro aspecto de civilização superior de tal forma que durante a segunda guerra púnica Fábio Pictor e Cíncio Alimento inaugurando a analística

privada desdenhavam a linguagem rude e arcaica dos pontífices e empregavam o grego. (Paratore, 1983, p. 19).

Processa-se, então, a maior de todas as assimilações culturais que a história tem reportado. Entretanto, não ocorreu em Roma, de imediato, a criação de bibliotecas, teatros, templos e museus, nem exemplos da arquitetura e das artes plásticas, como em Alexandria, Pérgamo, Rodes e outras grandes metrópolis. Roma não era uma monarquia. As primeiras evergesias, em Roma, foram exercidas por cidadãos em cargos de edil e pretor e pelo senado. Ocorreu, na verdade, o esforço coletivo dos dominadores patrícios e plebeus ricos para processar a helenização. Formou-se o primeiro círculo de notáveis disposto a encarar o helenismo como parte do destino da missão romana de governar o mundo. O círculo dos Cipiões foi só um primeiro émulo do evergetismo helenístico, mesmo com a resistência portentosa de Catão.

Depois de Pirro e Aníbal os romanos vislumbraram seu domínio sobre o Mediterrâneo e conseqüentemente a ampliação de suas conquistas sobre todo o mundo helenístico. O avanço de Roma sobre o Mediterrâneo Oriental e Ocidental foi logo desencadeado. Entre os séculos III e I, Roma ampliou seu domínio militar e político pelos três continentes banhados pelo Mediterrâneo. Petit (1979, p. 224) descreve o quadro político e expõe uma sequência cronológica de expansão:

Todo o território conquistado é reduzido ao estado de província, confiado a um promagistrado (procônsul ou propretor) munido de um *imperium* e todo poderoso nos limites da *lex provinciae* redigida pelo Senado. Às mais antigas províncias, Sicília, Córsega-Sardenha, nascidas em 227, acrescentaram-se sucessivamente as da África (Africa Vetus ou Proconsular, em 146; África Nova, em 46), da Espanha (Citerior e Ulterior, em 197) da Gália (Narbonense, em 120; Cabeluda, em 50) da Grécia (Macedônia, em 148; Ibérico, em 60), da Ásia (Ásia, em 129; Cilícia em 101; Bitínia, em 74; Ponto, em 63; Síria em 63; Chipre, em 58; A Cirnaica, em 74; o Egito em 30). (Petit, 1979, p. 224).

A política externa romana fez crescer na urbe um intenso movimento humano. A cultura helenística, repleta de riquezas e de grupos étnicos que formavam uma população altamente complexa, foi trazida para seu seio, a fim de garantir seu escalonado domínio. É o que constata Brandão e Oliveira (2020, p. 270-271):

Passando agora aos que trouxeram a cultura grega para Roma, e centrando-nos na fase de helenização generalizada nos sécs III-II, podemos considerar que a helenização chegava a Roma através de veículos diversos: pela presença de Gregos em Roma: reféns, escravos, imigrantes de numerosas profissões,

embaixadores; pela passagem de Romanos pela Magna Grécia, pela Grécia e pelo mundo helenístico: militares, viajantes, comerciantes, embaixadores, jovens estudantes que aperfeiçoavam os seus estudos em grandes centros culturais, como Alexandria, Atenas, Nápoles, Pérgamo e Rodes. Nesta fase merece particular destaque a atração de intelectuais gregos por Roma: professores, médicos, retores, filósofos, geógrafos, historiadores e artistas. É também nesta, e em particular no seguimento das grandes conquistas e da enorme influência política de duas grandes famílias romanas – os Cipiões e os Metelos –, que na sociedade romana se agudizam antagonismos políticos com consequentes clivagens culturais relacionadas com o contacto direto com a Grécia e o oriente helenístico.

Roma é agora a grande metrópole, o centro da cultura helenística. Para realmente exercer este novo papel, os antagonismos políticos desenham uma orientação, antevista por Catão e temida por Cícero: a formação de uma monarquia helenística. Há uma espécie de demanda pela unificação do poder e pela consolidação do império. Os círculos de notáveis e o senado, com suas ações de beneficiamento, na urbe e nas províncias, pareciam substituir os monarcas orientais, mas, na verdade, a república oligárquica dificultava essas ações. A influência “nociva” do oriente exercia sobre a república uma sedução precípua: a unificação do poder. Os comandantes militares se sucediam: Mário, Sila, Pompeu, Crasso, César. Este último encarna a unificação do poder, pelo seu sucesso nas armas e pela sua ação política que revelavam a crise da república e colocavam em cheque a sua manutenção. César, evergeta convicto, como um monarca, deixava, em segredo, sua sucessão para Otávio através de adoção. Com a ascensão de Otávio ao status de *princeps*, concedido pelo senado, e *imperator*, por ele mesmo adotado, Roma torna-se uma metrópole helenística, pronta para receber do imperador Augusto toda carga de evergetismo, unindo a tradição do *mos maiorum* aos apelos de uma cultura clássica, que remontava aos séculos de ouro da Grécia, necessária, em face das impregnações desconcertantes do asianismo nas letras e nas artes e do orientalismo na política.

As Geórgicas

O poeta Virgílio é um antídoto contra os efeitos desses incômodos traços do asianismo que causam embaraço ao projeto político-cultural de Augusto. Para se livrar de tais ameaças, o imperador unido ao renomado Mecenas deve ter sugerido ao poeta a composição da monumental obra. É dirigindo-se a Mecenas que Virgílio (2019, p. 24) inicia o primeiro livro.

Quid faciat laetas segetes, quo sidere terram/ uertere, Maecenas, ulmisque
adiungere uitis/ conueniat, quae cura boum, qui cultus habendo/ sit pecori,
apibus quanta experientia parcis,/ hinc canere incipiam. . (Virgílio, 2019 p.24)

O que alegre as searas; em que signo/ lavar se deva e unir com o olmo a vide;/
Que trato e culto o armento e gados peçam;/ Quanta experiência, a parca
industre abelhas: cantar, Mecenas, vou. (Virgílio, 2019 p.25)

Como já vimos, a cultura helenística em Roma conta com os círculos de notáveis para fazer o papel de núcleo receptor e impulsionador da cultura helênica. Sem qualquer planejamento comprovado, os círculos de notáveis, depois de consolidada a Paz Romana implantada por Augusto, tornam-se cada vez mais importantes. Dentro do quadro do evergetismo sobre o qual nos debruçamos, Mecenas ocupa, sem dúvida, um lugar de destaque. Seu círculo, o mais próximo de Augusto, projetou não só Virgílio, como também Horácio e Propércio. Seus dons de evergeta favoreceram Virgílio, tanto na forma de reconhecimento do talento do poeta e de seu potencial engajamento no projeto político de Augusto, quanto na forma de doações, como uma propriedade na Campânia, para onde se retirou, depois da expropriação sofrida em Andes.

Através dos favores de Mecenas e da benevolência principesca de Augusto, Virgílio realiza as *Geórgicas*. Trata-se de um longo poema didático hesiódico, sobre a atividade agrícola, a mais significativa e sagrada do mundo antigo, tão rica em tradições teológicas e míticas, que exigiu um esmero que custaria ao menos oito anos da vida do poeta, de 37 a 30 a. C., em meio a uma miríade de transformações que o mundo mediterrâneo passaria a viver, pois se processava a consolidação da nova monarquia romana.

As *Geórgicas* começam com a evocação a Mecenas acima, mas, por certo, não é só um ato de gratidão, foi atendendo a uma ordem ou sugestão sua que Virgílio realizou tão grandioso poema. Na invocação do segundo livro, depois de evocar Baco, ele clama:

Tuque ades, inceptumque una decurre laborem,/ O decus, o famae merito pars maxima nostra,/ Maecenas, pelagoque volans da vela patenti./ Non ego cuncta meis amplecti versibus opto; Non, mihi si linguae centum sint, oraque centum, Ferrea vox. Ades, et primi lege littoris oram,/ In manibus terrae non hic te carmine ficto, atque per ambages et longa exorsa tenebo, (Virgílio, 2019, p. 94).

Socorre-me na empresa, ó tu Mecenas, /Meu vero ornato e mor porção na fama,/ Velívoga navega em mar patente./A matéria abranger não posso em metro,/Nem com voz férrea, bocas cem, cem línguas, /A terra à mão, vagueemos costa a costa, / por ambages prolixos por circuitos/ não te entretenho com fingido carne. (Virgílio, 2019, p. 95).

Ainda no quarto livro temos: “Protinus aerii mellis coelestia dona/ exsequar: hanc etiam, Maecenas, aspice partem.” (Virgílio 2019, p. 280). Adiante revelarei os dons celestiais do mel aéreo: Mecenas aprecia esta parte.

As evocações sugerem o empenho de Virgílio em atender ao seu bemfeitor. Segundo Cardoso (2011, p. 15):

Muito já se discutiu sobre tal fato. Há os que vêem em Virgílio um poeta original e cioso de sua inspiração artística, incapaz, portanto, de escrever poemas sob encomenda. Outros, porém, baseando-se nas próprias palavras do poeta (“Obedeço a tuas ordens não fáceis, Mecenas” - G. III, 40-41), consideram o texto como produto de uma possível sugestão ou recomendação de Mecenas, empenhado em colocar as letras romanas a serviço da política de Augusto: cantando a terra e os encantos da vida rural, o poema talvez pudesse incentivar o retorno ao campo de milhares de camponeses desempregados que superpovoavam a cidade, restaurando-se, também a agricultura itálica deixada em segundo plano durante o tumultuado período das guerras civis.

O êxito do poema *Geórgicas* relacionado à demanda de um público específico e à finalidade política projetada por Mecenas de mobilizar essa massa de desterrados é colocado em dúvida pela autora, pois, como ela própria sustenta:

A linguagem e o estilo fazem das *Geórgicas* uma obra erudita, que só poderia ser lida e apreciada pela elite da sociedade, por aqueles que se haviam acostumado a manter contato com textos requintados e sofisticados, escritos com todos os recursos de uma linguagem poética elaborada e culta. (Cardoso, 2011, p. 15).

Entretanto, o poema foi muito além de qualquer expectativa pragmática. Virgílio, dirigindo-se a Mecenas na *praepositio*, diz que vai cantar: 1) o que produza fartas colheitas, em qual estação verter a terra; 2) quando convenha às uvas unirem-se aos olmos; 3) a lida dos bois, que traquejo se deva ter com o gado; e 4) às parcas abelhas quanta destreza.

Todos esses afazeres, certamente constituídos por atividades banais e corriqueiras para quem lida com o campo, estão dispostos, cada um deles, em quatro livros com uma linguagem técnica que, todavia, enunciam uma cosmovisão poética e uma elevação espiritual tão ampla que a realidade prática a qual se referem serve apenas de *leitmotiv* para a configuração de um universo no qual o homem do campo é o grande depositário da benevolência (*munera*) dos deuses, entre estes, o atual César, pois o que Virgílio alardeia em seu canto é a complexa grandiloquência do idealizado reino de Augusto.

O evergetismo de Mecenas e de Augusto encontra em Virgílio seu auspicioso porta-voz. Nas *Geórgicas*, o campo, com todos os seus elementos: divino, humano, animal, vegetal e mineral é celebrado como um *ordo* perfeito. O poeta é sabedor da extrema importância desse segmento econômico no contexto mediterrânico, agora sob domínio romano do *juvenis divus* César Augusto. A essa atividade de produção de riquezas e alimento da qual a imensa massa de habitantes do Império dependia, Virgílio dedica seu esforço para orná-la com profundo significado cultural. Consegue juntar sua experiência campesina, sua imaginação copiosa, sua erudição clássica e sua requintadíssima habilidade artística, à composição demiúrgica de uma obra cujo potencial ainda não foi totalmente explorado, pois representa um destino para a raça humana pleno de uma virtude tão elevada que nenhum autor antes ou depois dele terá vaticinado. É lugar comum apontá-la como a mais bem acabada obra do poeta. Na grande síntese que produz do mundo antigo, com sua espiritualidade arranhada por tantos acidentes, ele o vê como potencialmente salvo por um novo evergeta, César Augusto. Na passagem das *Geórgicas* Livro I, versos 24 a 42, destaca a deificação do imperador evergeta e seu lugar nesta nova ordem:

Tuque adeo, quem mox quae sint habitura deorum/ Consilia incertum est;
urbesne invisere, Caesar,/ Terraruque velis curam, et te maximus orbis/

auctorem frugum tempestetumque potentem/ accipiat myrto/ [...] Da facilem cursum, atque audacibus annue coeptis;/ Ignarosque viae mecum miseratus agrestes./ Ingredere, et votis jam nunc assuesce vocari. (Virgílio, 2019, p. 26-28).

E tu, até agora é incerto que concílios/ de deuses em breve hão de te abrigar;/ as cidades acaso te desejaram, César, /a maior parte do mundo te acolhe,/ poderoso provedor dos frutos e das/ estações, que cinge as tēmporas com a materna murta:/ [...] Compadecido, guia comigo os camponeses/ que ignoram a via e desde já habitua-te/ a ser convocado pelos votos.

O que parece ser um mero manual de instruções torna-se a obra poética mais aperfeiçoada, mais elaborada e mais burilada da Antiguidade Clássica

Considerações finais

Essa relação de causa e efeito entre o evergetismo e o bem-sucedido arcabouço cultural da Antiguidade Clássica que procuramos exemplificar com o êxito das *Geórgicas* de Virgílio torna-se mais evidente quando esse sistema declina em relação às letras e começa a focar, com maior ênfase, benfeitorias mais condizentes com a política expressa através da suma *panem et circenses*. Os sucessores de Augusto não adotaram o mesmo espírito que caracterizou o governo deste. Ao contrário, as subsequentes dinastias: júlio-claudiana (Tibério, Calígula, Cláudio e Nero), flaviana (Vespasiano, Tito e Domiciano) e antonina (Nerva, Trajano, Adriano, Antonino, Marco Aurélio e Cômodo) que, historicamente se sucederam e compuseram os dois séculos da *Pax Romana*, não encontraram o ambiente propício a círculos de notáveis cultivadores da literatura clássica, na realidade, dificultaram, ou mesmo, não permitiram que se formassem. Para Martin (2019, p. 175),

A transformação do governo Romano conduzida por Augusto gerou dois séculos de prosperidade relativamente calma, conhecida como Paz Romana (*Pax Romana*). Os historiadores classificam o século II d. C. como a Idade de Ouro do Império Romano. Como monarquia *de facto*, no entanto, a “República restaurada” sempre enfrentou a ameaça de um violento embate por poder entre a elite. Na realidade, parecia provável a eclosão de uma guerra civil após a morte de Augusto, pois não havia precedentes sobre como passar adiante o governo nesse novo sistema.

No novo sistema recém implantado, que terá duração de dois séculos, a elite civil que, no governo de Augusto, ajudou a fomentar, com grande efusão, a produção e a circulação da cultura literária viu-se ameaçada e enfraquecida pela ascensão de uma elite militar. Com as reformas de Augusto e as ações benéficas de Mecenas, o império teve início com uma *Idade de Ouro* da literatura, que logo se encerra com as mortes de ambos. A partir de Tibério, os círculos de notáveis deixaram de existir, ou pelo menos, enfraqueceram, pois se constituíram como ameaças conspiratórias ao Imperador.

Além do mais, os sucessores de Augusto, recorrendo a outras habilidades artísticas, não tiveram a preocupação de usar como meios de propaganda os gêneros literários e os escritores de talento tiveram que se ajustar a esta nova face adotando gêneros literários com feições mais híbridas.

Com a morte de Augusto, o caráter revolucionário das novas formas já se projeta como reflexo de um espírito de insatisfação com o jogo político. Imiscuídos com a família imperial, Fedro reelabora, em versos senários jâmbicos latinos o lendário Esopo, arquétipo da crítica à insolência dos humanos, governantes e governados; Sêneca, que já havia contrariado Calígula com sua oratória, satiriza o imperador Cláudio, esboça uma filosofia moralista que se torna verdadeiro contraponto ao novo sistema e, ao que tudo indica, mantém secretamente um círculo de seguidores, ouvintes de suas nove tragédias; seu sobrinho Lucano, que num primeiro momento compartilha com o imperador Nero certa amizade, cria uma epopeia notadamente subversiva, ressaltando o crime de Júlio César e o heroísmo dos republicanos; Petrônio parodia o romance grego e expõe a profunda decadência dos gêneros literários da tradição clássica.

Na dinastia flaviana, ares renovadores da cultura clássica retornam, mas sem a profundidade da *Idade de Ouro*: Quintiliano, sob o estipêndio de Vespasiano, o grande evergeta que iniciou a construção do Teatro Flaviano, tenta salvar a oratória ciceroniana e esboça uma *paidéia* de formato romano e nos deixa uma grande obra de restauração do gosto clássico, mas os resultados são fátuos, na verdade, só ajuda a reforçar os vícios retóricos vigentes na época, um dos fatores iminentes da decadência das letras latinas; Estácio não encontra acolhimento para sua obra épica *Tebaida*, escreve em tom de decepção com o novo regime uma miscelânea lírica *Silvae* e uma epopéia que ficou incompleta destacando mais um herói grego *Aquileida*; Marcial recebe de Domiciano o

título de *tribunus militum* e uma pensão *ius trium liberorum* para pais de três filhos, como uma espécie de retribuição a epigramas elogiosos adulatorios.

Na dinastia antonina, o esplendor do império se difunde principalmente na arquitetura e nas artes figurativas; mesmo nesse ambiente político de Renascimento clássico, obviamente favorável às manifestações culturais, não ocorre efetivamente um mecenato para salvar do *retoricismo* as letras latinas, mas emerge, no oriente românico-helenístico, motivada por uma segunda sofística, orientação filosófica renascentista eminentemente helênica que terá grande influência sobre os imperadores Antonino Pio, Adriano e Marco Aurélio a ponto de este se tornar filósofo e escrever sua obra em língua helênica.

Certamente a Cultura Clássica conhecerá novos influxos de evergetismo, na própria Antiguidade, na Idade Média, na Idade Moderna e, com certeza, como é possível testemunhar, na Idade Contemporânea. Todavia, um padrão de evergetismo, tal como o enfocado neste estudo, que vigorou entre os descendentes de Alexandre e sob o domínio de Augusto e Mecenas que patrocinou o poeta Virgílio e todos os seus pares da *Idade de Ouro*, só foi reeditado, com êxito considerável, no Renascimento, quando grandes evergetas no papel do mecenas patrocinaram assombrosos talentos.

Referências

BRANDÃO, José Luís; OLIVEIRA, Francisco de. **História de Roma antiga**: império romano do ocidente e romanidade hispânica. v. 2: Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020.

CARDOSO, Zélia de Almeida. **A literatura latina**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FLOWER, Derek Adie. Biblioteca de Alexandria. **As histórias da maior biblioteca da Antiguidade**. Tradução: Otacílio Nunes e Valter Ponte. São Paulo: Ed. Nova Alexandria, 2010.

GRANDJEAN, Catherine. **Le mond helénistique**. Paris: Armand Colin, 2008.

HOMERO. **Odiseia**. Tradução: Trajano Vieira. São Paulo: Ed. 34, 2011.

JAEGER, Werner Wilhelm. **Paidéia**. A formação do homem grego. Tradução: Artur M. Parreira. 4. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LEYCK, Gwendolyn. **Mesopotâmia**. A invenção da cidade. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2003.

MANFREDI, Valerio. **Akropolis**. A grande epopeia de Atenas. Tradução: Mario Fondelli. Porto Alegre: L&PM; Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

MARTIN, Thomas R. **Roma Antiga de Rômulo a Justiniano**. Tradução: Iuri Abreu. Porto Alegre: L&PM, 2019.

MOSSÉ, Claude. **Dicionário da civilização grega**. Tradução: Carlos Ramallete. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história**. Suas origens, transformações e perspectivas. Tradução: Neil R. da Silva. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PARATORE, Ettore. **História da literatura latina**. Tradução: Manuel Losa. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

PETIT, Paul. **História Antiga**. Tradução: Pedro Moacyr Campos. 4. ed., Rio de Janeiro: Difel, 1979.

TOYNBEE, Arnold. **A humanidade e a mãe-terra**. Uma história narrativa do mundo. Tradução: Helena Maria Camacho Martins Pereira e Alzira Soares da Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1987.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e sociedade na Grécia Antiga**. Tradução: Myriam Campello. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

VEYNE, Paul. **Pão e Circo**. Sociologia histórica de um pluralismo político. Tradução: Lineimar Pereira Martins. 2. ed., São Paulo: Editora Unesp, 2015.

VIRGÍLIO. **Geórgicas**. Tradução: Manuel Odorico Mendes. Cotia: Ateliê Editorial, 2019.

Recebido em 09/05/2023.

Aprovado em 02/03/2024.